



HAL
open science

Occidente

Marcello Messina, Teresa Di Somma

► **To cite this version:**

Marcello Messina, Teresa Di Somma. Occidente. Uwa'kürü - dicionário analítico: volume 2, Nepan Editora, pp.272-286, 2017, Uwa'kürü - dicionário analítico: volume 2, 9788568914250. hprints-01967102v2

HAL Id: hprints-01967102

<https://hal-hprints.archives-ouvertes.fr/hprints-01967102v2>

Submitted on 4 Feb 2019

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

OCIDENTE



Redigimos esse texto na cidade de Rio Branco, no Estado do Acre, a capital mais ocidental do Brasil, situada na Região Norte. Contudo, para aproximar-nos tanto ao Ocidente quanto ao Norte globais sem ultrapassar a fronteira nacional, precisaríamos percorrer vários milhares de quilômetros em direção sul-oriental, até chegar ao Sudeste Metropolitano, centro nevrálgico do país. E depois, desde esse “embrião de uma futura *megalópole*”, onde “se localiza o maior parque industrial da América Latina”,¹ teríamos a opção de viajar por 8.000 km rumo a nordeste, para finalmente chegar à Europa, cuja cultura, conforme um livro para as escolas que chegou às nossas mãos, “é ocidental, baseada no alfabeto latino, nas religiões judaico-cristãs e na idéia de progresso ou desenvolvimento material”.²

Ou alternativamente, poderíamos ficar ainda dentro das fronteiras nacionais, e visitar o Sul, cuja cultura, segundo outro manual escolar, é “muito influenciada pelos hábitos e costumes dos imigrantes europeus”,³ o que acompanha as “maiores taxas de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)”⁴ do país. Aliás, vários guias turísticos online mostram que tanto o Sul quanto o Sudeste estão cheios de “cidades incríveis que vão fazer você se sentir na Europa sem precisar cruzar o oceano”.⁵ Pomerode (SC), aparentemente, “preserva até hoje o estilo germânico de ser”,⁶ enquanto “nem parece que Holambra fica em São Paulo”, já que “encanta a todos com sua variedade botânica, além da arquitetura e cultura inspiradas na Holanda”, e que, portanto, “é um lugar tranquilo para quem ama passear”.⁷

1 Moreira, Construindo o espaço brasileiro, 2000.

2 Vesentini e Vlach, Geografia Crítica, Vol. 4, 2001, p. 14.

3 Moreira, Construindo o espaço brasileiro, p. 178.

4 Moreira, Construindo o espaço brasileiro, p. 185.

5 Barbosa, 5 cidades brasileiras que parecem a Europa, 2015.

6 Barbosa, 5 cidades brasileiras que parecem a Europa, 2015.

7 Quanto Custa Viajar, 18 cidades no Brasil que se parecem com a Europa, 2016.

Em Gramado (RS), “considerada a Suíça do Brasil”, os motoristas são tão europeus que até “respeitam a faixa do pedestre”:⁸

A cidade de Gramado foi fundada por imigrantes alemães e italianos, por isso seus moradores são de pele branca e olhos azuis, eles estão muito ligados a suas tradições ancestrais, o que se observa em seus hábitos e pessoas muito religiosas. A aparência da cidade lembra-nos em algum lugar na Europa por sua arquitetura e paisagismo cuidado, o clima da cidade é agradável, mas no abrigo da noite é uma obrigação. O viajante [que] chega Gramado está impressionado com a quantidade de hortênsias [que] crescem em toda parte e [com] a limpeza da cidade[,] que seus moradores cuida[m] com muito cuidado.⁹

Qual morador de Rio Branco não seria encantado em afastar-se dos trancos e barrancos do Acre para visitar esses lugares tão “charmosos”,¹⁰ ordenados e tranquilos, povoados por gente “de pele branca e olhos azuis”, que cuidam tão bem da própria cidade?

Faz um tempo, nós viajamos sim para o sul, mas erramos a direção longitudinal: ao invés de virar a oriente para ficar dentro do Brasil, fomos direto para baixo, ultrapassamos a fronteira nacional e chegamos na cidade de La Paz, Bolívia, que apesar de ser situada a um grau de longitude mais a ocidente de Rio Branco, fica tão longe do Ocidente quanto a capital acreana. Só que ali em La Paz tinha um douto senhor que não estava tanto de acordo com isso, e tentava nos explicar que

*la idea de lo colonial e la idea de la descolonización deben plantearse en esta mirada sobre nos otros mismos, que en mi opinión nos incorpora en igualdad de condiciones con un mundo andino o mesoamericano e con un mundo occidental. Y si a mí me preguntaran si soy Occidente les respondería que sí, y si me preguntaran si soy andino les respondería que sí, y les respondería que soy una parte andino y una parte occidental, y les respondería que hay una superposición, no una mezcla en la lógica de tesis, antítesis y síntesis. Y probablemente, esa es una lectura no occidental de la realidad a la que nos debemos adscribir.*¹¹

Carlos Mesa Gisbert proferia essas palavras como acadêmico,

8 Gramado Canela, Gramado – A Suíça Brasileira, sem data.

9 Gramado Canela, Gramado – A Suíça Brasileira, sem data.

10 Quanto Custa Viajar, 18 cidades no Brasil que se parecem com a Europa, 2016.

11 Mesa Gisbert, Lengua e imagen: La construcción colonial de un nuevo imaginario, 2016.

na palestra de encerramento do Jalla 2016, na *Universidad Mayor de San Andrés*, a principal instituição de ensino superior da Bolívia. O que significa defender a própria ocidentalidade como algo inusitado desde um dos lugares mais ocidentais do mundo (pelo menos segundo a cartografia eurocêntrica *greenwichense* que coordena espacialmente as nossas existências)? Por que precisa insistir sobre a diferenciação entre o “andino” e o “mesoamericano” e o ocidental? A que serve a distinção entre “*superposición*” (sobreposição) e “*mescla*” (mistura)? E por que, enfim, concluir esta defesa da própria identidade ocidental marcando justamente a não-ocidentalidade da própria leitura?

Presidente do país entre 2003 e 2005, Mesa representa a Bolívia “hispanica” e “europeia” que se sente ameaçada pelo Estado Plurinacional da Constituição de 2009:

Si es verdad que este es un Estado Plurinacional, debemos reivindicar con el mismo derecho que se reivindican símbolos, tradiciones, lenguas, costumbres y cosmovisiones indígenas, aquellos que tienen un origen hispánico, europeo o universal. Tan legítima es la cruz andina como la cruz cristiana, tan legítimo es un tejido Potolo como el escudo de la ciudad de La Paz, tan legítimo es hablar castellano como hablar guaraní.¹²

Os dois trechos de Mesa exibem uma postura defensiva derivada da percepção latente de uma situação de perigo. O que no primeiro trecho é indicado como ocidental, e que reaparece no segundo trecho como hispânico, europeu – ou até universal –, é ameaçado pela hegemonia, aparentemente implacável, de todo o que é andino, mesoamericano e indígena. Nos dois trechos, o autor parece suplicar aos andinos hegemônicos para que não silenciem a parte ocidental/europeia/universal do país.

Já a partir dessas considerações é possível usar os trechos de Mesa para entender um pouco o que é o Ocidente global. Primeiramente, o Ocidente é um lugar que se auto-define a partir do medo do Outro. Voltando aos guias turísticos sobre o Sul/Sudeste do Brasil, será que a obsessão com a tranquilidade e a charmosidade dessas cidadezinhas que lembram a Europa serve exatamente para exorcizar o medo que os brasileiros têm da própria alteridade? Existe, obviamente, um desejo

12 Mesa Gisbert, ¿Cabemos Todos en el Estado Plurinacional?, 2014.

perverso de aproximar-se, tanto espacialmente quanto fenotipicamente, a essa galera com “características caucasianas”¹³ (ou não seria melhor dizer, “arianas”?) para se livrar das próprias identidades racializadas. Além disso, há um nexos bastante evidente entre a “pele branca e” os “olhos azuis”¹⁴ dos moradores de Gramado e o fato de respeitar “a faixa do pedestre”.¹⁵ Na mesma cidade de Gramado, a inserção das hortênsias, símbolo dessa cidade caracterizada por “ordem e beleza” (e portanto, “ordem e progresso”), em um contexto de “paisagismo cuidado” que “lembra-nos em algum lugar na Europa”,¹⁶ choca e luta simbolicamente contra a desordem e o atraso representados pelas palmeiras, as samambaias e as bromélias do Brasil tropical. As hortênsias tornam-se soldados mercenários que defendem, forçada e ridiculamente, as puras origens europeias dos moradores de Gramado, que talvez esqueceram das origens asiáticas e americanas¹⁷ dessas plantas.

Esta celebração da branquitude não significa que quem se auto-define “ocidental” e defende a própria ocidentalidade tenha necessariamente esquecido o legado de violências e genocídios do colonialismo europeu: Dussel, por exemplo, nos explica que essa violência, mais do que ser esquecida “é interpretada como um ato inevitável, e com o sentido quase-ritual de sacrifício”.¹⁸ O mesmo Mesa fala sem reticência da violência absurda perpetrada contra os povos andinos pelos espanhóis.¹⁹ Então, o medo do Outro não é necessariamente conectado ao silenciamento das violências do dito Ocidente – talvez é o contrário, talvez quem se considera Ocidente teme justamente a vingança das populações e das identidades que o colonialismo europeu subjugou. Aqui seria talvez possível utilizar o trabalho de Glória Anzaldúa, que, desde o seu lugar de fala de chicana estadunidense, recorre ao conceito de psique dupla:

Individualmente, mas também enquanto uma entidade racial, precisamos verbalizar nossas necessidades. Precisamos dizer à sociedade branca: precisamos que vocês aceitem o fato

13 Soares, 8 sinais de que a região Sul é um pedaço da Europa dentro do Brasil, 2016.

14 Gramado Canela, Gramado – A Suíça Brasileira, sem data.

15 Gramado Canela, Gramado – A Suíça Brasileira, sem data.

16 Gramado Canela, Gramado – A Suíça Brasileira, sem data.

17 Cabré Fontseré e Recasens Pahí, El cultivo de la Hortensia, 1984, p. 7.

18 Dussel, Europa, modernidade e eurocentrismo, 2005, p. 30.

19 Mesa Gisbert, Lengua e imagen: La construcción colonial de un nuevo imaginario, 2016.

de que os/as chicanos/as são diferentes, que reconheçam a forma como nos negam e rejeitam. Precisamos que vocês admitam o fato de que nos viam como seres inferiores, que nos roubaram nossas terras, nossa humanidade, nosso amor-próprio. Precisamos que vocês nos compensem publicamente: que digam que, para compensar seus próprios defeitos, vocês lutam para terem poder sobre nós, vocês apagam nossa história e nossa experiência, porque lhes fazem sentir culpados – preferem esquecer seus atos de brutalidade. Que digam que se separam das minorias, que nos desconhecem, que suas consciências duplas separam partes de vocês, transferindo o lado ‘negativo’ para nós. (Onde há perseguição das minorias, há projeção de sombras. Onde há violência e guerra, há repressão da sombra.) Que digam que têm medo de nós, que, para se distanciarem de nós, usam máscaras de desprezo. Que admitam que o México é o seu outro, que ele existe na sombra desse país, que somos irrevogavelmente ligados a ele. Gringos, aceitem o duplo das suas psiques. Ao aceitarem de volta suas sombras coletivas, a divisão intracultural será cicatrizada. E finalmente, digam-nos o que precisam de nós.²⁰

A psique dupla mencionada por Anzaldúa é produzida não pelo esquecimento e sim pela remoção voluntária de um legado de violência e ódio que continua até o presente gerando alteridade e subjugação. Essa remoção cria uma “sombra” que Anzaldúa articula posteriormente no conceito de “*shadow-beast*” (“besta da sombra”): “A mulher é o estranho, o outro. Ela é reconhecida como parte do pesadelo do homem, sua besta da sombra. A visão dela o manda para um frenesi de raiva e medo”.²¹ A besta da sombra é a mulher, e mais em geral é o Outro dominado que gera medo, o mesmo Outro que é voluntariamente escondido nos charmosos vilarejos de estilo bávaro do Sul e Sudeste do Brasil.

No caso, o medo do Outro não-ocidental é funcional à eliminação discursiva de qualquer possível amalgamação com ele. É justamente assim que poderíamos interpretar a preocupação de Mesa em esclarecer que os elementos andinos e ocidentais estão sobrepostos, e não mistura-

20 Anzaldúa, *La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência*, 2005.

21 Anzaldúa, *Borderlands / La frontera*, 1999, p. 39. (Tradução do inglês baseada no trabalho de Galindo e Milioli, *Alianças mestiças entre Gilles Deleuze & Felix Guattari, Donna Haraway e Glória Anzaldúa*, 2016)

dos, ou melhor, que os segundos tentam esconder e apagar os primeiros. Será que também o Ocidente global é extremamente preocupado em não se misturar com os corpos, os conhecimentos e as consciências racializadas do Outro? E o ato mesmo de sobrepor, de por algo em cima de algo, não contempla a criação duma hierarquia, uma hierarquia que ao contrário poderia dissolver-se, talvez, no ato mesmo da mistura?²² Não surpreende que Mesa, pelo menos durante a palestra que assistimos, evitou de falar de mestiçagem, pedindo que nós “*prescindamos por un minuto de la palabra ‘mestizo’, que puede generar equívocos e puede generar confrontación, e que de hecho genera confrontación*”.²³ Entretanto, essa postura aparece incrível sabendo que Mesa, em outros contextos, já defendeu a identidade mestiça dos bolivianos:

*Creo que la mayoría de los bolivianos nos sentimos y de hecho somos mestizos. El color de nuestra piel debe ser irrelevante en esa lectura. El mestizaje como concepto hace mucho tiempo que dejó de tener relación alguna con cuestiones de sangre o de raza. El discurso “plurinacional”, paradójicamente, ha fortalecido la adscripción al mestizaje y está despojando a este término de su connotación negativa. La vieja execración del mestizo como ejemplo del “peor resultado” de la vinculación del mundo indígena con el mundo europeo, tiene cada vez menos fuerza. Asumirse como boliviano con todo lo que ello conlleva culturalmente es un hecho más que una adscripción elaborada y consciente.*²⁴

Isso talvez pudesse ser explicado justamente por meio da noção de psique dupla mencionada antes a respeito do trabalho de Anzaldúa. Em geral, é fundamental chamar atenção na maneira em que o discurso do Ocidente é angustiado pelo desejo de afastar-se e distinguir-se idealmente de si mesmo no próprio ato de se auto-afirmar. O Ocidente, na sua busca constante de pureza espiritual e superioridade moral, quer contemplar e abranger possibilidades que aparentemente não fazem parte da sua suposta materialidade. Isso faz parte também de um desejo antropofágico nunca apagado, onde o Outro, após ter sido privado tanto da sua faculdade de gerar medo quanto da sua possibilidade de ameaçar a pureza do Ocidente por meio da amalgamação, torna-se troféu colonial, preciosismo

22 Agradecemos o amigo e colega Jorge Neto de Andrade Nobre para essa última observação.

23 Mesa Gisbert, *Lengua e imagen: La construcción colonial de un nuevo imaginario*, 2016.

24 Mesa Gisbert e Zelaya, *Defensa del Mestizaje en la Era Plurinacional*, 2013.

que serve para “tornar mais atraente a própria elaboração esteticística do material”.²⁵ Mesa adopera exatamente esse estratagema discursivo quando conclui a sua fala declarando que a teoria da sobreposição é talvez uma “leitura não-ocidental”²⁶ das questões que ele analisa. Após ter declarado orgulhosamente a própria ocidentalidade, então, Mesa retrata, mas só aparente e superficialmente. Na verdade ele está ostentando a superioridade moral que vem junta com o discurso da pertença ao Ocidente:²⁷ já que tornou-se ocidental, agora ele pode dar mão da própria ocidentalidade e explorar opções não-ocidentais – exatamente como os nova-iorquinos que fazem capoeira e os londrinos que comem *curry*.

Finalmente, é importante articular o obvio, esclarecendo novamente que o Ocidente (tanto quanto o Norte) não é uma categoria espacial, já que o Ocidente aclamado por Mesa é situado vários milhares de quilômetros a oriente da Bolívia. Outra pensadora boliviana, Silvia Rivera Cusicanqui, falando da dita “episteme ocidental”, articula excelentemente essa contradição:

*La otra gran episteme, que yo no le llamo occidental, porque lamentablemente Europa está en el oriente del nuestro continente... Geográficamente, Europa está en el oriente, y se decimos occidental estamos siendo apéndices de Europa, y no somos. Está bien que los gringos norteamericanos dicjan Occidente, pero nosotros no necesitamos.*²⁸

A respeito disso, Stuart Hall tinha esclarecido há muito tempo que “as nossas ideias de ‘Oriente’ e ‘Ocidente’ nunca foram livres do mito e da fantasia, e até hoje não são primariamente ideias sobre lugar e geografia”.²⁹

Analogamente, o politólogo italiano Manlio Graziano chega a declarar que “o Ocidente não existe”,³⁰ e se pergunta:

Por que, então, quando fala-se de “Ocidente”, todos parecem saber exatamente do que se trata, mas no momento

25 Nono, *Presenza storica nella musica d'oggi*, 2007 [1959], p. 152. Tradução do italiano pelos autores.

26 Mesa Gisbert, *Lengua e imagen: La construcción colonial de un nuevo imaginario*, 2016.

27 Hall, *The West and the Rest: Discourse and Power*, 1996, p. 186.

28 Rivera Cusicanqui, *Reflexões sobre sociologia da imagem*, 2016.

29 Hall, *The West and the Rest: Discourse and Power*, 1996, p. 185. Tradução do inglês pelos autores.

30 Graziano, *L'Occidente non esiste*, 2016, p. 21. Tradução do italiano pelos autores.

de raspar a superfície da ideologia percebemos que não tem nada de baixo? A resposta é relativamente simples: porque serve para simplificar uma situação muito mais complexa e dar uma aparência de realidade a um mito geopolítico – o mito, no caso, da unidade do “mundo ocidental”³¹

Graziano tem um argumento válido, e nós concordamos sem dúvida com a ideia que o Ocidente seja uma construção discursiva que obedece a determinados objetivos geopolíticos. Mas será verdade o que diz Graziano a respeito do fato que “todos parecem saber exatamente do que se trata”?

Para responder a essa pergunta, é útil voltar ao Brasil. A grande maioria das/os brasileiras/os se auto-define, sem dúvida, ocidental. Ao contrário, a maioria das caracterizações do Ocidente, excluem tanto o Brasil quanto a América Latina.³² Isso perturba profundamente as/os brasileiras/os que de repente percebem de não serem geralmente consideradas/os ocidentais. Em relatar a própria experiência como professor universitário nos EUA, o escritor Alex Castro articula justamente esse choque:

A universidade, para evitar que as pessoas alunas ficassem muito bitoladas em sua visão de mundo, exigia que todas cumprissem pelo menos quatro créditos de “Cultura Não-Ocidental”. Para a surpresa e o horror de todas as pessoas brasileiras para quem contei isso, as disciplinas que eu ensinava sobre literatura brasileira supriam esse requisito curricular. [...] Para muitas pessoas brasileiras, essa minha revelação é um verdadeiro soco no estômago. Quase todas ficam surpresas, se sentem agredidas, menosprezadas, humilhadas.³³

Castro mostra que esse choque é recíproco, quando comunica aos seus alunos norte-americanos que os brasileiros se acham ocidentais:

Outra grande surpresa [para os alunos] foi quando revelei que todas as pessoas brasileiras que conheço se consideram autoevidentemente ocidentais. Que nunca passou por suas cabeças não serem de um país e de uma cultura ocidental. Que ficam chocadas e ofendidas ao perceberem que não são

31 Graziano, *L'Occidente non esiste*, 2016, p. 21. Tradução do italiano pelos autores.

32 Cf. por exemplo, Hall, *The West and the Rest: Discourse and Power*, 1996, p. 185. Cf. também Graziano, *L'Occidente non esiste*, 2016, p. 25

33 Castro, *Brasil, país ocidental?*, 2014.

vistas como ocidentais justamente pelos países e culturas que mais respeitam.³⁴

Os relatos de Castro exemplificam bem um dos aspectos mais importantes do discurso do Ocidente, ou seja, o fato de criar, definir, normatizar e constituir percepções e desejos compartilhados globalmente, e ao mesmo tempo excluir a maioria daquelas/es que foram assim encorajadas/os ou induzidas/os a identificar-se com o Ocidente.³⁵ Talvez Graziano tem razão quando diz que todas/os parecem saber do que se trata quando se fala de Ocidente, porém é também verdade que cada um/a tem visões diferentes quanto aos limites físicos dessa entidade discursiva.

Acabamos de evidenciar a psique dupla das/os brasileiras/os, suspensas/os entre a convicção/desejo de fazer parte do clube privilegiado dos povos ocidentais e o traumático descobrimento da própria não-ocidentalidade.³⁶ Entretanto, nós, autores desse verbete, não queremos sugerir que, enquanto sujeitos nascidos dentro do espaço europeu, somos livres dessa psique dupla: ao contrário, o discurso do Ocidente gera graus de exclusão (ou de inclusão condicional) também sobre as terras onde nascemos. Assim, exatamente como o Brasil e a América Latina, as regiões da Europa meridional e oriental são sim orgulhosas da própria identidade ocidental, mas não são sempre reconhecidas como tais. Nem parece tão óbvia a inclusão no Ocidente da Grécia, considerada a origem da cultura ocidental. O jornalista David Patrikarakos argumenta que

A história moderna [da Grécia] nem é Ocidental. [...] A Grécia foi parte do Império Otomano desde a metade do século XV até ganhar a independência em 1830, portanto nunca passou para os processos históricos que definiram o Ocidente, como o Renascimento e o Iluminismo.³⁷

O mesmo discurso aplica-se à Espanha e ao Portugal. Quanto à Itália, país onde nós, autores desse texto, nascemos, aí a divisão interna entre Norte e Sul é também uma fronteira entre Ocidente e Não-Ocidente. Em 1954, o ilustre político siciliano Ugo La Malfa escrevia as seguintes palavras sobre o *Mezzogiorno* (Sul da Itália):

O *Mezzogiorno* participou no processo de formação cívica

34 Castro, Brasil, país ocidental?, 2014.

35 Cf. também Chacra, De NY a Brasília — O Ocidente não considera o Brasil Ocidental, 2011. Bem assim, cf. Anauate, Quando descobri que não era ocidental, 2012.

36 Cf. também Fanon, Pele negra, máscaras brancas, 2008, pp. 127-132.

37 Patrikarakos, The Greeks are not 'Western', 2015. Tradução do inglês pelos autores.

e cultural da Europa ocidental, embora hoje não beneficie das condições econômicas e sociais, morais e culturais, dessa área mais vasta. [...] Ele é o Ocidente sem as condições econômicas, sociais e culturais que caracterizam o Ocidente. Ele não é um Oriente ocidentalizado: é um Ocidente orientalizado.³⁸

Essas palavras, formuladas quase um quarto de século antes da saída do livro *Orientalismo*, de Edward Said, naturalizam a distinção “velha de séculos” entre Ocidente e Oriente, que “carrega, sob rótulos muito abrangentes, todas as variações possíveis da pluralidade humana, reduzindo-a no processo a uma ou duas abstrações coletivas terminais”.³⁹ Porém, no discurso de La Malfa é ainda mais interessante a identificação de um jeito “moral” de ser Ocidente, de uma altura ética que o *Mezzogiorno* italiano não consegue alcançar. Sem dúvida, esse discurso pode ser extenso às outras periferias que mencionamos nesse verbete, e até àquelas que não mencionamos. Mas em uma cultura eurocêntrica saturada de imperativos categóricos kantianos,⁴⁰ se o jeito de ser Ocidente é moral, então ele é um também um dever improrrogável.

O que significa isso? Significa que desejar de ser Ocidente, identificar-se com o Ocidente, não é só implorar para “entrar no clubinho mais *cool* do bairro”,⁴¹ mas também e sobretudo tentar cumprir com o que se espera de nós. Apelos a defender o Ocidente povoam a mídia das periferias globais: nos falamos que “devemos ver [...] que o alvo [dos inimigos do Ocidente] não é só [o Norte] América, mas é também esse nosso conjunto de valores e esse nosso sistema de vida, feito de liberdade, direitos, instituições, controles, regras, parlamentos, direitos”;⁴² nos persuadem que “esta é uma linha da frente da batalha pela civilização que somos”;⁴³ nos perguntam se o novo presidente dos EUA “terá forças para defender o Ocidente livre?”,⁴⁴ e depois prometem que o novo presidente da França “em muito ajudará a revitalizar o combalido conceito de Ocidente”.⁴⁵

Por um lado, somos continuamente mobilizados para comba-

38 La Malfa, *Mezzogiorno nell'Occidente*, 1954. Tradução do italiano pelos autores.

39 Said, *Orientalismo*, 1996 [1978], p. 163.

40 Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, 2007 [1785], p. 50.

41 Castro, *Brasil, país ocidental?*, 2014.

42 Mauro, *L'Occidente da difendere*, 2014.

43 Fernandes, *Hoje somos todos Charlie Hebdo*, 2015.

44 Klinkartz, *Opinião: Muito mais do que “goodbye Merkel*, 2006.

45 Trojyo, *Macron mostra que declínio do Ocidente não é inevitável*, 2017.

ter as guerras (simbólicas, políticas, ou até concretas) desse dito Ocidente, e por outro lado somos continuamente excluídos da superioridade moral que parece caracterizar quem consegue caber dentro dele. Se identificar como Ocidente nas periferias envolve tanto a ostentação de ocidentalidade exibida por Carlos Mesa durante o Jalla, quanto a constatação humilhante das/os brasileiras/os de não ser percebidas/os como ocidentais, quanto, enfim, a tomada de consciência de Ugo La Malfa de que o *Mezzogiorno* não alcançaria o imaginário nível moral do Ocidente, embora tenha simbolicamente contribuído à hipotética formação dessa suposta entidade.

Voltamos agora a Rio Branco, cidade onde moramos e comunidade da qual fazemos parte, embora como estrangeiros. Aqui no Acre, somos presos pelo discurso perverso do Ocidente? Sem dúvida somos presos sim, por exemplo, quando lamenta-se que um dos preconceitos mais difusos sobre o Acre é exatamente que aqui “só tem índio”.⁴⁶ Talvez, esse discurso soa ofensivo justamente porque desejamos demonstrar que já conseguimos exterminar a maioria dos povos indígenas que moravam aqui? E será que isso aproxima moralmente o Acre ao dito Ocidente?

Será que o mesmo discurso se aplica à nossa relação com as duas fronteiras internacionais que caracterizam esse Estado? No (localmente) famigerado Blog do Altino Machado, por exemplo, o “ativista em direitos humanos” Valdeci Nicácio Lima proponha “que nós, cidadãos acreanos, façamos um boicote de pelo menos um mês a todo e qualquer produto da Bolívia”:⁴⁷

Não se trata de racismo ou xenofobia, mas, sinceramente, está na hora de fazermos alguma coisa para demonstrar que paciência tem limite. É sabido que mesmo com todas essas benesses que o Brasil concede ao povo boliviano, nós só recebemos em troca cocaína, armas, produtos piratas, imigrantes ilegais com bugigangas, comércio ilegal e criminosos. [...] A Zona Franca de Cobija que vive exclusivamente do nosso dinheiro só nos oferece produtos de qualidade duvidosa e com preços que ultimamente não são compensadores. [...] Que nenhum acreano cruze a fronteira de Brasília ou Epi-

46 Silva, Llanco, e Rosa, Símbolos da cultura acreana como artigo de mercado no centro comercial da cidade de Rio Branco, Acre, 2014.

47 Lima, Boicote acreano contra bolivianos, 2012.

taciolândia para exercer qualquer atividade que gere lucro aos bolivianos.⁴⁸

Interessantemente, trata-se das/os mesmas/os bolivianas/os que Mesa declara orgulhosamente parte do Ocidente. Já só esse texto de Lima, redigido a partir da raiva do autor contra a suposta disparidade de tratamentos entre os presos brasileiros no Pando e os presos bolivianos no Acre, é suficiente para concluir que o Acre internalizou perfeitamente a maneira do Ocidente de culpar o Outro. Especialmente após ter roubado e violentado as terras desse mesmo Outro. Após ter inventado a própria identidade justamente a partir da derrota e do sangue desse mesmo Outro.⁴⁹

A expressão de ódio anti-boliviano de Lima não é um fato isolado. Encontra-se continuamente no Acre. O motorista que nos levou para Cobija/Brasileia a primeira vez, por exemplo, desaconselhava de comer e dormir do lado boliviano, já que ele achava aquele lugar “feio e sujo”.⁵⁰ Várias/os nossas/os conhecidas/os, originárias/os dos municípios de fronteira (Epitaciolândia e Brasileia), nos falaram que foram poucas vezes daquele outro lado, já que não queriam “se misturar”⁵¹ com os bolivianos.

Falamos de indígenas e de bolivianas/os sem nem falar do tratamento aqui reservado a peruanas/os, haitianas/os, senegaleses, afegãs/os, etc. Afinal das contas, sim, o Acre passou a prova “moral” da pertença ao Ocidente, enquanto reproduz o mesmo imperativo categórico ocidental de criar e confinar sujeitos e coletividades alheias, a ser inicialmente pilhadas e depois injuriadas e marginalizadas. Quanto a ser internacionalmente reconhecido como Ocidente, infelizmente para o Acre é já difícil ser seriamente contemplado nacionalmente como parte do Brasil, já que outro preconceito difuso sobre a região diz que “o Acre não existe”.

O Ocidente, em conclusão, é um paradigma de opressão que define e orienta desejos e deveres, enquanto cria inúmeras e enormes periferias, e as mobiliza contra o Outro. Não queremos aceitar o conceito de Ocidente, mas também não é suficiente declarar, como faz Manlio

48 Lima, Boicote acreano contra bolivianos, 2012.

49 Souza e Messina, Narrativas Contenciosas na Fronteira das Amazônia Boliviana e Brasileira, 2016.

50 Anônimo, conversa pessoal com os autores, 2015.

51 Anônimo, conversa pessoal com os autores, 2016.

Graziano, que o Ocidente não existe,⁵² já que o Ocidente existe e que a sua existência traz consigo numerosos prejuízos. Precisamos domesticar e neutralizar simbolicamente o Ocidente, impedir que ele exerça poder sobre nós. As opções mais radicais que conhecemos, como o “desencadeamento epistêmico” de Walter Mignolo e Anibal Quijano,⁵³ ou o “prazer canibal” de Larissa Pelúcio em fagocitar pensamentos europeus e norte-americanos e reinventá-los a partir da “nossa experiência marginal” de “cu do mundo”,⁵⁴ nos inspiram e motivam, mas neles percebemos uma vontade de manter um diálogo, uma troca com esse colosso ocidental.

Antes de tentar estabelecer esse diálogo, e antes de nos desencadear e de fagocitar o Ocidente, precisamos desagregá-lo, fragmentá-lo simbolicamente. Somente a partir dos seus pedaços, das suas migalhas desvinculadas dessa ambição de normatizar e impor desejos e obrigações, confinar, policiar, domesticar e *assepsiar* o Outro, poderemos começar um diálogo que seja verdadeiramente decolonial.

Referências

- ANAUATE, G. Quando descobri que não era ocidental. In **Revista Época**, 8/12/2012. Disponível em: <https://goo.gl/A6t6HO>
- ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza: rumbo a uma nova consciência. In **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, v.13, n.3, 2005, pp. 704-719.
- ANZALDÚA, G. **Borderlands: The new mestiza / La frontera**. 2. ed., San Francisco: Aunt Lute Books, 1999.
- BARBOSA, D. 5 cidades brasileiras que parecem a Europa. In **Exame.com**. 15/11/2015. Disponível em: <https://goo.gl/AHZlzn>
- CABRÉ FONTESERÉ, A.; RECASENS PAHÍ, L. El cultivo de la hortênsia (II parte). In **Horticultura**. n.17, 1984, pp.47-54.
- CASTRO, A. Brasil, país ocidental? In **Papo de Homem**. 19/07/2014. Disponível em: <https://goo.gl/r6hGMh>
- CHACRA, G. De NY a Brasília – O Ocidente não considera o Brasil Ocidental. In **Estadão**, 20/06/2011. Disponível em: <https://goo.gl/vgwi4M>
- DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. In LANDER, E. (org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, pp. 25-34.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008,
- FERNANDES, J. M. Hoje somos todos Charlie Hebdo. In **Observador**, 7/01/2015. Disponível em: <https://goo.gl/NgdKRN>

52 Graziano, L'Occidente non esiste, 2016.

53 Quijano *apud* Mignolo, Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política, 2008, pp. 287-288.

54 Pelúcio, Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?, 2014.

- GALINDO, D.; MILIOLI, D. Alianças mestiças entre Gilles Deleuze & Felix Guattari, Donna Haraway e Glória Anzaldúa. In LEMOS, F. [et al]. (Orgs.). **Criações transversais com Gilles Deleuze: artes, saberes e política**. Curitiba (PR): Editora CRV, 2016, pp. 75-86.
- GRAMADO CANELA Gramado – A Suíça Brasileira. In **Gramado Canela**. sem data. Disponível em: <https://goo.gl/ZroGsU>
- GRAZIANO, M., L'Occidente non esiste. In **Gnosis: Rivista italiana di intelligence**, n. 4, 2016, pp. 21-31.
- HALL, S. The West and the Rest: Discourse and power. In: HALL, S. [et al] (Orgs.). **Modernity: An Introduction to Modern Societies**, 1996, pp. 184-227.
- KANT, I. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Lisboa: Edições 70, 2007.
- KLINKARTZ, S. Opinião: Muito mais do que “goodbye Merkel. In **Deutsche Welle** (edição em português). 17/11/2006. Disponível em: <http://p.dw.com/p/2SrYR>
- LA MALFA, U. Mezzogiorno nell'Occidente. In **Nord e Sud**, n. 1, 1954. Disponível em: <https://goo.gl/n7NFU0>.
- LIMA, V. N. Boicote acreano contra bolivianos. In **Blog do Altino Machado**, 28/04/2012. Disponível em: <https://goo.gl/c5fkAr>
- MAURO, E. L'Occidente da difendere. In **La Repubblica**, 05/09/2014. Disponível em: <https://goo.gl/jqBQ1K>
- MESA GISBERT, C. D. Lengua e imagen: La construcción colonial de un nuevo imaginario, Conferência Magistral, **XII Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana**. La Paz, 2016.
- MESA GISBERT, C. D. ¿Cabemos Todos en el Estado Plurinacional? In **Carlos D. Mesa Gisbert**. 27/02/2014. Disponível em: <https://goo.gl/xDzTHU>
- MESA GISBERT, C. D.; ZELAYA, M. Defensa del Mestizaje en la Era Plurinacional. In **Ideas (Pagina Sete)**. 19/05/2013. Disponível em: <https://goo.gl/LGfCKn>.
- MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, 2008, pp. 287-324.
- MOREIRA, I. **Construindo o espaço brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, v. 2, 2000.
- NONO, L. Presenza storica nella musica d'oggi, [1959], In NONO, L. **La nostalgia del Futuro: Scritti Scelti 1948-1986**. Milão, Il Saggiatore, 2007, pp. 147-154.
- PATRIKARAKOS, D., The Greeks are not ‘Western’. In **Politico**. 22/04/2015. Disponível em: <https://goo.gl/FvT5Vy>
- PELÚCIO, L. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? In **Revista Periódicus**, v. 1, n. 1, 2014, pp. 68-91.
- QUANTO CUSTA VIAJAR. 18 cidades no Brasil que se parecem com a Europa. In **Quanto Custa Viajar**. 19/09/2016. Disponível em: <https://goo.gl/Sq6Sym>.
- RIVERA CUSICANQUI, S. Reflexões sobre sociologia da imagem, Palestra, **Festival Internacional Pachamama**, Rio Branco, 21/11/2016.

SAID, E.W. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, A.V. C. d.; LLANCO, M. C.; ROSA, H. C. Símbolos da cultura acreana como artigo de mercado no centro comercial da cidade de Rio Branco, Acre. In **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 1, n. 1, 2014, pp. 167-175.

SOARES, S. 8 sinais de que a região Sul é um pedaço da Europa dentro do Brasil. In **Ultra Curioso**. 30/05/2016. Disponível em: <https://goo.gl/T7el3>.

SOUZA, J. A.; MESSINA, M. Narrativas Contenciosas na Fronteira das Amazônia Boliviana e Brasileira, Comunicação, **XII Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana**. La Paz, 2016.

TROYJO, M. Macron mostra que declínio do Ocidente não é inevitável. In **Folha de S. Paulo**. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/pp6kYC>.

VESENTINI, J.W.; VLACH, V. **Geografia Crítica**, São Paulo: Editora Ática, Vol. 4, 2001.

MARCELLO MESSINA

Doutor em Composição Musical (University of Leeds, 2013)
Bolsista PNPd e Professor Colaborador
Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade
Universidade Federal do Acre

TERESA DI SOMMA

Mestre em Línguas e Literaturas Modernas
(Università degli Studi di Torino, 2009)
Mestranda em Letras: Linguagem e Identidade
Universidade Federal do Acre